REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1083

30 de Janeiro de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

ESTATUA DE FERNANDES THOMAZ
PARA O MONUMENTO, NA FIGUEIRA DA FOZ

Esculptura do sr. Fernandes de Sá

CHRONICA OCCIDENTAL

O velho adagio que dizia «devagar, que tenho pressa», já não quer dizer hoje coisa alguma.

Premeditação e prudencia são condições essencias e preliminares de qualquer empreza séria, mas hoje em dia ninguem tem espaço para reflectir e todos se precipitam vertiginosamente na ancia febril de chegar primeiro, antes que os outros tomem o logar ambicionado. O homem, salvo seja, é o cavallo amestrado dos hipodromos. O seu *jockey*, o seu guia, o seu alvo, é o desejo infrene de alcançar a pista e de obter o premio grande.

O que se dá com os individuos, dá-se exactamente com as nações. A concorrencia internacional é cada vez mais temerosa, pois os que ficam estacionarios sujeitam-se a ser a ponte de passagem dos mais audazes e resolutos. As nações mais poderosas, se esquecem por um momento este principio, se o deixam de pôr em pratica com inquebrantavel perseverança, soffrem por egual as consequencias do seu desleixo. Caminhar! Caminhar! é a divisa dos fortes, e esta divisa tanto deve ser adótada no tempo de paz como no tempo de guerra.

Uma das causas que mais contribuiram para os desastres monumentaes da Russia na campanha da Mandchuria, foi a sua grande inação, e não poder concentrar de repente os seus recursos belicos. O exercito russo, pelo menos no papel, atinge cifras considerabilissimas, mas está derramado por um territorio immenso e só com dificuldade e grande dispendio póde convergir para um ponto dado. E' certo que a Russia trabalhou afanosamente na construção do Transiberiano, mas a sua rêde geral dos caminhos de ferro ainda está longe de ser completa e perfeita, e por isso a mobilisação do exercito não se póde effectuar com aquella rapidez que exige a tactica moderna. O Japão, com a celeridade e precisão matematica dos seus movimentos, comprovou mais uma vez as doutrinas de Napoleão, seguidas com tão brilhante exito pelos prussianos nas campanhas contra a Austria e contra a França.

De todos os progressos materiaes realisados ha um seculo a esta parte depois da descoberta da machina a vapor e da elétricidade, a viação acelerada, tanto terrestre como maritima, póde contar-se na vanguarda de todas.

Que diferença do velho carroção pesado, moroso, incomodo, inimigo irreconciliavel do osso sacro e do costado humano, ao elegante carro americano de Stephenson, do elétrico e do automovel! Que diferença da jangada archaica ou primitiva e do trireme grego e romano até aos veleiros de ha cem annos ainda e ao moderno vapor, tão rapido, seguro e confortavel, arrebatando-nos atravez do vasto oceano sob o propulsar da sua helice poderosa!

A preocupação da velocidade, caracteristica do genio inventivo do seculo XIX, no qual se adiantaram invenções verdadeiramente revolucionarias dos nossos habitos e ideias, adquire já neste prin-

ASPETO DA MESMA ESTATUA DE PERFIL

cipio de seculo em que vivemos um cunho de nevrose.

Esta imaginosa precipitação é quasi monomaniaca e sente-se na velocidade espantosa dos grandes expressos, na vertiginosa corrida dos automoveis, na celeridade inesperada das motocicletas, nas carreiras dos tramways elétricos.

Não nos contentando com a pressa de andar a vapor procuramos ir mais depressa por elétricidade; não parecendo já bastante expeditos o telegrafo e o telefone, que em verdade teem interrupções quisilentas, os inventores combinam os dois sistemas e permitem-nos falar pelo telegrafo, reproduzir a distancia consideravel o nosso pensamento falando direito ao ouvido do nosso interlocutor. Ainda mais: os aperfeiçoamentos incessantes da telegrafia (não falando já da telegrafia sem fio), vão até transmittir letra por letra o que queremos escrever.

Os transatlanticos operaram a mais profunda revolução na travessia do mar. Hoje, a navegação do oceano é quasi um passeio recreativo, uma digressão elegante e de higiene. Os grandes naufragios são muito menos frequentes, e na historia tragico-maritima dos nossos dias raras vezes se vê fluctuante a jangada de Medusa. A pirataria, a vida aventurosa dos corsarios acabou, e já não é preciso que a Ordem da Santissima Trindade vá redimir a Argel os infelizes cativos.

Em terra os desastres parecem mais frequentes e talvez haja menos segurança, mas isto é devido em grande numero de casos ao excesso de movimento nos transportes e á falta de zelo de quem dirige o serviço.

O automobilismo, cantando victoria sobre a navegação aerea, parece ser o tipo ideal em todos os sentidos da viação acelerada. Apresenta ainda imperfeições notaveis, mas é de crêr que não tarde a corrigir os seus defeitos e que, sendo já o modelo da velocidade, seja tambem um modelo de comodidade e de barateza.

A viação acelerada não se limita a exercer o seu prestimo a grandes distancias, entre pontos extremos. Nas cidades desempenha ella um papel de primeira ordem, podendo considerar-se como um dos mais notaveis factores sociaes.

E' incontestavel que a metamorfóse experimentada por Lisboa nestes ultimos vinte annos se deve quasi exclusivamente á facilidade e rapidez dos seus meios de transporte.

Não são desconhecidos os perigos e inconveniencia da viação acelerada, mas avolumal-os só é proprio dos espiritos rotineiros e injustos. Comparando os perigos com as vantagens, é incontestavel que o saldo favoravel se inclina para estas. O uso dos transportes para nos conduzir a qualquer parte da cidade tornou se quasi inevitavel e até as classes mais acentuadamente populares enchem os diversos vehiculos. Este uso demasiado frequente, ou antes abuso, traz fatalmente consigo consequencias anti-higienicas. Os passeios a pé são exercicio indispensavel para a saude e não se deve de modo nenhum pôr de parte tão rudimentar preceito da higiene.

Mas, não é sómente sob este ponto de vista, que deve ser encarado o problema da viação acelerada: é tambem, e muito principalmente, sob o ponto de vista economico. Não ha duvida que a vida em Lisboa se facilitou, mas não ha duvida tambem que se tornou muito mais dispendiosa. Muitas familias vão viver para pontos excentricos, pagando rendas mais baratas, mas não tardam a reconhecer que o seu orçamento se desiquilibrou com as despezas dos carros. O preço de transporte para diversos sitios, mesmo entre diversos pontos da cidade, é excessivo, não só em absoluto, mas comparativamente falando.

Lisboa, pelo seu acidentado terreno, pela irregularidade e estreiteza dos seus antigos bairros, torna custosa a construção de linhas, e d'aqui resulta que o publico tem de pagar com lingua de palmo as despezas da instalação. As duas encostas da cidade que deitam sobre a Baixa e sobre o valle da Avenida, não pódem ser ligadas entre si senão por meio de pontes gigantescas que sirvam, além do seu fim utilitario, para lhes dar um aspecto caracteristico e monumental.

As nossas ruas estreitas não justificam de certo o emprego exclusivo dos condutores aereos para a transmissão da energia elétrica, sendo naturalmente indicado o sistema mixto de condutores aereos e subterraneos como o mais adequado ás condições em que se encontram os arruamentos. Sob o ponto de vista estético, não se enriqueceu tambem a cidade com o emaranhado dos fios, que em muitos locaes atingem o aspéto de verdadeiras rêdes, em outros o de enxugadouros. Não é menos certo que os acanhados passeios das principaes ruas comerciaes, reservados ao transito dos peões, foram prejudicados com o pejamento á circulação que lhes resulta de terem sido destinados a alicerces das desgraciosas columnas a que se prendem os fios da rêde. Mas é grande verdade, tambem, que o regimen da tração elétrica fez esquecer em absoluto, e com incontestavel satisfação dos habitantes de Lisboa, o antigo regimen das mulas dos americanos, dos solavancos dos Ripert, das mólas desconjuntadas do Jacinto, do Florindo, do Salazar e da Luzitana...

E hoje, a vista de algumas dessas já raras carriolas, que ainda se arrastam pelas ruas da cidade, a todos oferece um contraste deploravel a par do carro elétrico, tão comodo e veloz...

Do que pedimos desculpa ao Sr. Luiz Filipe da Matta!

João Prudencio.

A estatua de Fernandes Thomaz

ESCULPTURA DE FERNANDES DE SÁ

Por iniciativa de uma comissão de patriotas vae erigir-se, na Figueira da Foz, um monumento a Manuel Fernandes Thomaz, que ali nasceu no anno de 1771 e que fez, com Silva Carvalho e outros, a revolução do Porto de 24 de agosto de 1820, um dos do governo da junta provisoria do governo supremo do reino, eleito deputado nas celebres côrtes de 1820, que foram as percursoras do governo liberal.

Conhecido é o papel proeminente que Fernandes Thomaz desempenhou no movimento liberal em nosso país e quanto elle sofreu por seu ideal, avantajando se aos que partilhavam com elle das mesmas ideias.

A sua vida é de luta, acidentada de conflitos e perseguições, e é um desses lances violentos, em que lhe foi intimada uma ordem de prisão, que o autor da estatua, sr. Fernandes de Sá, escolheu para representar o grande tribuno.

Se outras obras do já notavel esculptor portuense, não demonstrassem seus talentos, teriamos agora uma afirmação irrefragavel do seu valor de artista, na concepção arrojada e livre da figura de Fernandes Thomaz, numa das situações, acaso, mais caracteristicas do energico e honrado cidadão que pleiteou pela liberdade da sua patria.

E' rasgada e expressiva a atitude da figura, saindo das convenções classicas do geral de estatuas destinadas a monumentos, na sujeição severa de uma gravidade imposta, dentro dos limites da perpendicular, perfilada e cortez, ou quando muito, comodamente sentada e indolente, recebendo a contemplação publica.

Como se vê, a estatua de Fernandes Thomaz não tem nada desse convencionalismo, e dá nos a impressão real da vida agitada do heroe, na sua atitude nervosa, excitada, arrogante, que exprime bem pelo gesto toda a energia de seu austero caracter.

Fernandes de Sá deve estar satisfeito com a sua obra; satisfeita fica a arte com esta creação do talentoso artista.

O barro obedeceu ao que o esculptor tinha em mente alcançar delle; o bronze firmará mais duradouramente a sua obra.

A estatua já se está fundindo nas oficinas do Arsenal do Exercito, o que ainda gastará alguns mezes, porque a operação é demorada e melindrosa para sahir perfeita, e quando concluida se elevar em pedestal a figura de Fernandes Thomaz, ella será saudada com tanto ou mais entusiasmo, como outrora as multidões aclamaram o grande patriota, que ali o vêem representado na realidade das cousas humanas.

Exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia de Bellas Artes de Lisboa e pensionistas no estrangeiro

Abriu a publico no dia 23 do corrente esta exposição, onde figuram os trabalhos dos alumnos da Academia, dos cursos de esculptura, de pintura historica, paisagem e desenho, assim como dos pensionistas do Estado e do legado Valmor, no estrangeiro.

Em esculptura são numerosos os estudos apresentados, a maior parte copias e de original destacam se duas estatuas: o *Crepusculo* e a *Cigarra* do sr. Francisco dos Santos, pensionista do legado Valmor. Qualquer dos modelos escolhidos pelo estudante para os seus estudos pareceu-nos ser infeliz, o primeiro por demasiado nutrido e baixo, de pernas curtas, pouco proporcionado e de desagradavel aspeto por extremamente redondo; o segundo, de uma rapariga, púbere, e demasiado esqueletica, dominando a ossatura, deselegante de formas, e não agradando tambem á vista.

Hoje parece querer dominar nas escolas os modelos tuberculosos, nervosos, ou como lhe queiram chamar, mas que em verdade são a negação da arte, que deve ser bella, inspirando-se nas belesas da natureza, e não preferindo as aberrações, um mal entendido do realismo, e que só é admissivel em certos casos, conforme ao assunto que se trata.

Na pintura historica, nada encontrámos que nos detêsse; apenas estudos de figuras do nu, alguns bem observados e corretamente desenhados, mas muito convencionaes na factura, parecendo todos pintados pelo mesma paleta e pelas mesmas mãos, sem individualidade e com alguns erros de prespetiva nos escorsos.

O pensionista do legado Valmor, sr. Adriano de Sousa Lopes, apresentou um quadro, *Ondinas*, que póde ser uma promessa, mas em que ha muito a corregir, quer na composição, quer no desenho, quer na pintura, que por mais distante que se observe, não tem a magia que nos dá a visão do natural.

O sr. Arthur Cardoso, pensionista do Estado, expõe um grande quadro de paisagem e figura, representando um *Dia de festa em Pont-Abbé*. Este quadro tem qualidades apreciaveis de composição, de côr e de colorido, um tanto exagerado; é bem respeitada a prespectiva, e ainda que abundante de tinta, deve iludir bem a vista collocado em ampla galeria onde haja suficiente distancia para o vêr.

Pareceu-nos ser esta a melhor obra que se vê na exposição.

No concurso ao premio Annunciação, destacam-se uns estudos de vácas, mas o que mais nos agradou foi o quadro do sr. J. Campas, representando uma estrada por onde caminham umas vacas com seu bezerrinho e vaqueiro, que é um belo trecho de paisagem e estudo de animaes.

E em paisagem é tudo que ha para vêr, pois os restantes estudos estão longe de satisfazer aos menos exigentes.

Observámos um quadrinho do sr. H. Franco, que representa um cavalo, que mereceu com justiça o premio Annunciação.

Os srs. Nogueira Junior, Rodrigues Pereira e J. P. Coelho, apresentaram varios projetos de arquitetura apreciaveis, e só é pena não os vêr executados.

Literatura Portuguêsa

AS TRES JOIAS

Ha na literatura portuguêsa tres joias inestimaveis, cujo valor excede toda a riqueza das joias literarias estrangeiras. São tres sonetos trabalhados por mãos de genios, burilados com Amor e Sciencia. Estão nelles irmanados com extrema perfeição os dois elementos d'Arte: — Idéa e Fórma. Os *modernistas* consideram apenas como indispensavel e bastante a Fórma; a Idéa é coisa secundaria. A realisação em Arte destes dois elementos, ao mesmo tempo vivos e sentidos e ao mesmo tempo perfeitos, é para elles um impossivel de absurdas proporções. Para nós bem possivel é, e aqui temos modelos tão vivos como o sol de cada dia. Não queremos o estralejar de palavras bonitas; é coisa de ver uma só vez e sentir nenhuma. Queremos o revolutear das Idéas acompassado pela mão da Arte; só assim a Poesia terá condições de vida, só assim será lida e relida com a mesma emoção da primeira leitura. A nossa opinião — se nos é permitida na livre discussão universal, — é esta: — Os privilegios da Idéa e da Fórma são matematicamente eguaes.

Os tres sonetos da nossa lingua são modêlos perfeitos. Depois de nos darem a nota precisa do nosso sentimentalismo, dão-nos a revelação de tres genios e uma fórmula viva e fecunda da Arte poetica futura.

SONETO

Alma minha gentil que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste!

Se lá no assento ethereo onde subiste,
Memoria desta vida se consente
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos meus olhos tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa da dôr que me ficou
De magua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que me leve de cá tão cedo a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

Luiz de Camões.

A VIDA

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que hia perdendo.

Alma gemea da minha e ingenua e pura
Como os anjos do ceo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

João de Deus.

A MAIOR DOR HUMANA

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus — Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam — Deus — A Fé implora.
E o Céo que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agóra.

Depois um pae que em trevas vae sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.
E's coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

Camillo Castello Branco.

Todo o nosso maior desejo seria ouvir na bôca de todos os que começam a entender de Poesia, estes tres preciosos modelos. Nós sabemo-los de cór como qualquer religiosa velhinha sabe o seu *padre-nosso*

E' um evolar-se a alma n'aquelle perfumado ambiente de Amor e Dôr. Sentimos que os escreveram para nós, retratando os seus pesares que tão bem comprehendemos.

Só sente a dôr alhêa quem uma vez chorou. E quem ha que não sentisse uma vês a alma torturada?

José Boavida Portugal.

Os terremotos da Sicilia e da Calabria

Tudo leva a crer que Messina não se levantará das ruinas, e se não ficar como Pompeia e Herculanum, só muito mais tarde se reconstruirá, pois seus terrenos só passado muito tempo terão a solidez necessaria, caso não sobrevenham novos tremores, como, infelizmente ainda está succedendo, e no dizer do padre Sechi do Observatorio de Roma, as perturbações scismicas continuarão ali por tres annos.

Em vista disto não será prudente nem para as vidas, nem para os capitaes, persistir em habitar e reconstruir a formosa Messina, assim transformada num sorvedouro de gente e de dinheiro improdutivamente e sem tranquilidade para seus habitantes.

Por toda a parte Messina e Reggio apresentam montões de ruinas, e as fotografias que ultimamente temos recebido o confirmam de modo desolador.

As que reproduzimos em o numero antecedente, mostram de maneira frisante a que está reduzida a vida naquella assolada terra, donde o povo foge e em cada dia cahem ruinas sobre ruinas, confrangendo considerar o espantoso numero das vitimas que sob ellas ficaram sepultas, como vêr seus belos palacios e monumentos derruidos.

As gravuras que publicamos neste numero reproduzem fotografias de dois notaveis monumentos que terremotos anteriores respeitaram, mas que este de agora destruiu. Um delles é a antiga catedral de Messina, de puro estilo ogival que, não obstante ter sido bastante damnificada por um incendio no anno de 1559, fôra restaurada, conservando se até 1783, em que o terremoto daquelle anno lhe derrubou a parte superior da sua magnifica frontaria, que depois se reconstituiu como melhor se poude, mas agora ficou toda destruida, o que se vê da gravura que publicamos.

O outro, é a grande fonte monumental que se ergue na mesma praça em frente da derruida catedral, e que tendo sido construida no anno de 1551, resistira aos varios terremotos ocorridos em Messina, para ficar agora quasi arrasada.

Esta fonte decorada de formosas esculpturas, era orgulho dos sicilianos. Um modelo da arte classica, obra de Fra. Giovanni Angelo Montorsoli, discipulo do sublime Michel Angelo.

E de quantos monumentos mais ha a lamentar a perda.

Se consolação póde haver em tamanha catastrofe, é o dó que ella levou a todo o mundo civilisado, e o empenho que este mostra em acudir por todas as fórmas possiveis a minorar tão grande desgraça.

Sobem já a algumas dezenas de milhares de contos os socorros em dinheiro, comestiveis, roupas, e tudo mais de que careçam as vitimas sobreviventes, que de todas as nações estão sendo enviados, e estamos certos que se esses socorros podessem restituir as vidas que ali se perderam, e debelar completamente a dôr moral dos que sobreviveram á catastrofe, nada mais haveria a lamentar que os horrores porque passaram os sicilianos e as perdas materiaes, que deste modo se recuperavam.

Em Portugal continua em todas as classes o mesmo afan em reunir donativos, e são já importantes os socorros enviados, calculando-se que subirá a algumas dezenas de contos as quantias subscritas, o produto de espétaculos e as esmolas obtidas por bandos precatorios que teem havido por todas as terras do reino e de que a imprensa diaria vem dando conta.

Os bombeiros de Napoles fizeram um apêlo aos seus camaradas de Portugal, para que lhe enviassem tambem socorros, e não ha duvida que os bombeiros portuguêses estão correspondendo a esse apêlo como é proprio desta benemerita corporação.

Tambem não teem faltado na Egreja Lusitana os sufragios pelas almas das vitimas dos terremotos, e no dia 27 deste mez celebraram-se na Sé de Lisboa exequias solemnes a que assistiram Suas Magestades e o sr. Infante D. Affonso com a côrte, ministerio e todo o alto funcionalismo civil e militar.

Hontem tambem se celebraram solemnes exequias na egreja do Loreto, da colonia italiana, com numerosa assistencia.

A' ultima hora chega-nos uma carta de Roma, que referindo muito do que já aqui se tem escrito, encontramos ainda algumas notas curiosas que reproduzimos em seguida.

As comunicações entre Messina e Reggio ficaram interrompidas durante quatro dias, em virtude do desabamento do tunnel do caminho de ferro marginal que as ligava e dos altos contrafortes de Aspromonte.

Esta circumstancia aumentou o desespero dos calabrêses, que se encontravam sem socorros.

A' grande quantidade de pessoas enlouquecidas pela dôr de tão horrorosas cenas, veiu juntar-se os doidos que fugiram do hospital de alienados, em numero de tresentos, que mais aumentaram a confusão.

Confirma-se a dedicação e até heroicidade com que os reis de Italia acudiram ao logar da catastrofe, em socorro das vitimas.

O procedimento da rainha Elena (a que já nos referimos em o ultimo numero) principalmente, despertou tão grande simpatia e reconhecimento, que o governo interpretando bem a opinião publica, resolveu conferir á nobre senhora a medalha de ouro do valor civico, distinção que pela primeira vez é concedida ao sexo feminino. O imperador da Alemanha agraciou a mesma soberana com a venera da Ordem de Luiza; o governo da Republica de França com a Legião de Honra e o imperador da Austria com a gran cruz da Ordem de Isabel.

As somas enviadas dos Estados Unidos da America do Norte elevam-se a desoito milhões de francos, além de dois milhões e meio em madeira e outros materiaes para construções, enviados ainda pelo governo, com os quaes se poderão edificar tres mil habitações, enviando tambem operarios para as construir.

Ao governo de Italia, ao Papa e á Cruz Vermelha foram já entregues sessenta milhões de liras em dinheiro e vinte e cinco em socorros de toda a especie.

A Italia, por emquanto, só concorreu com onze milhões de liras.

A princeza Elena de Orleans, duqueza de Aosta, tambem tem tratado dos feridos que fez conduzir para o palacio de Napoles, e tomou á sua conta muitos orfãos.

Sob este ponto ha grande confusão para se provar a identidade dos orfãos ou que se supõe como tal, por terem desaparecido os registos civis, e muitos daquelles não saberem dizer quem eram seus paes, como é facil de perceber, sabendo-se que escaparam á catastrofe creanças de todas as edades, inclusivé de peito. Não é menos embaraçoso ainda a distribuição de haveres, fixação de indemnisações e repartimento dos donativos.

Os ultimos calculos sob os resultados da catastrofe elevam o numero de mortos a 200:000; feridos 300:00; doentes e dementados 50:000. Sobe a 3:500 o numero de orfãos, os quaes vão ficar sob a proteção do governo italiano.

Avalia-se em 300:000 os animaes mortos, incluindo gatos e cães que foi preciso matar para não se damnarem.

Dividem se as opiniões sobre a reconstrução de Messina e Reggio, havendo até os que propõem que sejam bombardeadas, acabando de as arrazar. Entretanto diz-se que o governo italiano pensa em as reconstruir.

Parece-nos, porém, ainda cedo para tomar resolução definitiva, e a ciencia aconselhará o que melhor se entender, conforme exposemos no principio desta noticia,

Factos e homens do meu tempo

Memorias de um jornalista

POR

BRITO ARANHA

TOMO III

Eis-me pela terceira vez batendo á hospitaleira porta do Occidente, que tão obrigantemente me tem sido franqueada em outras, para com seus leitores conversar por alguns momentos sobre as *Memorias de um jornalista* do sr. Brito Aranha, a proposito de seu terceiro volume, ultimamente vindo a lume, e fazendo-o fio bem que não será a ultima, se a vida se me prolongar, que a d'elle, sendo-lhe tanto o animo, como o corpo, da mais rija tempera, e fartamente apercebidos para a lucta diaria da existencia, bem para crêr como para desejar que ainda dilatadamente se prolongue em bem das letras patrias.

Na sequencia d'este meu discorrer começarei por dizer que não pertence o sr. Brito Aranha á escola ou seita dos que têm por chefe Frei Thomaz e por lemma «olha para o que elle diz e não para o que elle faz», e que o que doutrina pela palavra documenta-o com o exemplo.

Assim tendo sido seu conselho e incitamento constante aos que mourejam nas letras, com direito a fazel-o, o não se deterem por um só momento no seu laborioso e por vezes, e na maior parte d'ellas, ingrato e cruciante lidar, pois «quem pára suicida-se» (1), d'este seu conceito tem elle dado testemunho incontestavel e incontrastavel durante sua vida inteira, embora «por vezes o apavorasse o commettimento sem que todavia perdesse inteiramente o animo para reagir e se empenhar em novos embates, (2).

(1) E' bem certo. Por mais levantada e apreciavel que tenha sido a obra eregida pelo escriptor literario, devendo ter-lhe grangeado e assegurado foro e jus á benemerencia publica, se pára na sua faina, e deixa de chamar e prender as atenções, como que se suicida, dando razão ao tão corrente quão verdadeiro dizer «quem não apparece, esquece».

(2) São palavras textuaes, as metidas entre asteriscos, do sr. Brito Aranha na primeira pagina do terceiro tomo das *Memorias de um jornalista*.

Em tal maneira eil-o ainda, apesar de mais de cincoenta annos de ininterrupto labutar literario, na Brecha, erecto e forte, terçando suas bem temperadas armas, e assim é que em pouco mais de um anno deu á estampa tres tomos dos *Factos e homens do meu tempo. Memorias de um jornalista*.

Sobre seus dous primeiros tomos já eu emitti o meu sentir no Occidente, e falta-me só fazel-o, pois, do ultimo, e d'esse bem grato encargo venho hoje desempenhar-me.

Succedeu-me com elle o mesmo que com aquelles outros. Prendeu-me sua leitura em todo o decorrer d'elles, e deixou-me sabendo um pouco mais do que ao encetal-a, e contente e satisfeito com o aproveitamento que assim d'ella colhi, e só um tanto magoado pela duvida que o auctor formúla sobre a continuação d'estas suas *Memorias*, não obstante para o fazer haver sufficientes materiaes.

Seguindo na esteira aberta no primeiro vo'ume da obra, e continuada no segundo, o sr. Brito Aranha, passa em revista individualidades com quem manteve estreitas relações, e factos que de perto viu e alcançou, durante sua longa carreira jornalistica, e na apreciação de uns e outras põe sua mais funda convicção, illuminando-os, sob o seu ponto de vista, com o criterio que por mais apropriado e justo lhes houve.

Sendo isto para mim predicado que em muito recommenda seu trabalho, pois que bem me merecem as obras em cuja factura entra, tem e ocupa parte assignalada a personalidade de quem as traça e executa, ressumbrando atravez seu desdobramento, acresce-lhe em valor a narração de factos quasi desconhecidos, ou sendo-o bem pouco, aliás interessantissimos para o estudo e comprehensão de muitos

EL-REI D. CARLOS I

MEDALHÃO EM BRONZE, DO SR. PINTO DO COUTO E PELO AUTOR OFERECIDO A S. M. EL-REI D. MANUEL II

O sr. Pinto do Couto é um laureado discipulo do eminente esculptor Teixeira Lopes, que concluio o curso de esculptura na Escola de Bellas Artes do Porto, com provas brilhantes que o Occidente *reproduziu no volume de 1907. e que vae agora para o estrangeiro aprefeiçoar-se no estudo da grande arte de que são centros Paris e Roma, como toda a Italia. Com tão bons auspicios é de prever que Portugal poderá contar mais um artista notavel.*

successos, dos ultimos cincoenta annos, entre nós.

Sob este aspecto ficarão constituindo as *Memorias de um jornalista* copioso e precioso repositorio, em que colher noticias illustrativas dos fastos do nosso paiz durante esse periodo.

Para fazer aqui resenha, ainda que succinta, de tudo o que ha merecedor de nota no tomo de que estou escrevendo, muito teria que alongar-me, e como não quero abalançar-me a abusar da boa hospedagem que o Occidente me abre, limitar-me-hei, ainda que confrangida a vontade, a dizer sobre elle *per summa capita*.

Abre o livro com capitulo epigrafado *Editores, livreiros e gravadores*, e sendo ahi commemorados muitos dos que em Portugal se tem salientado no ultimo meio seculo decorrido, como obreiros de qualquer d'esses nobres officios, especialmente o são, e com sobrada razão, Antonio Maria Pereira, pae e filho, Castro e Irmão, Nogueira da Silva e o sr Caetano Alberto, o tão estimavel quão distincto gravador e homem de letras, benemerente director e proprietario do Occidente, padrão só por si bastante a consagrar-lhe a mais justa e longa nomeada.

O segundo capitulo subordinado ao titulo *No Atheneu Commercial*, sendo homenagem a este importante instituto, que marca logar mui distincto e honroso na capital, e que de si tão excellentemente tem fructificado, é ao mesmo tempo levantada consagração dos congeneres institutos de instrucção fundados e exalçados no Rio de Janeiro por compatriotas nossos.

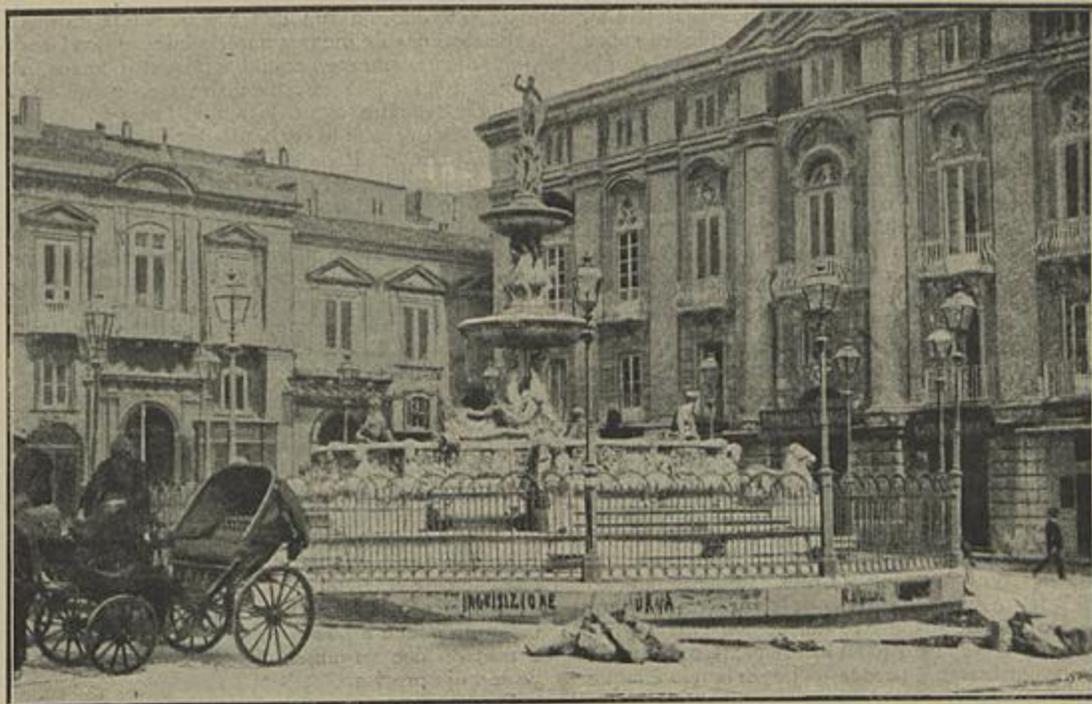
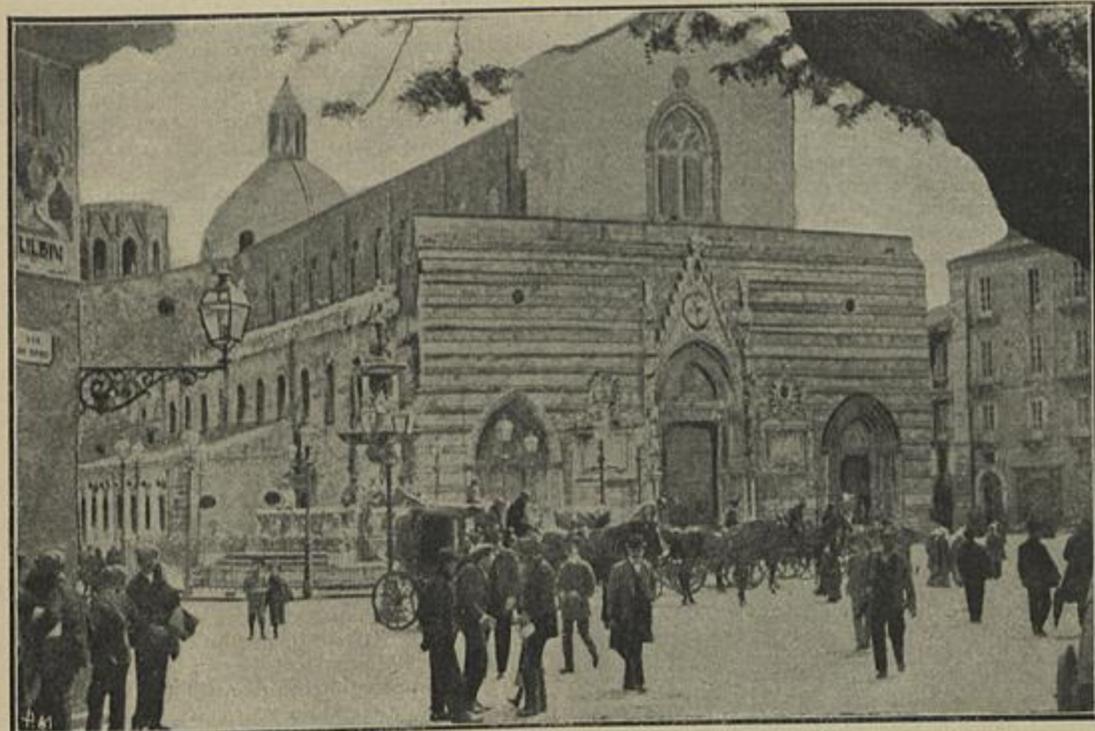
O terceiro capitulo inscreve-se *Sousa Neves e Santos Valente*, e referindo os devotados e isentos serviços prestados por Sousa Neves, na sua qualidade de editor, á

EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUMNOS DA ACADEMIA DE BELAS-ARTES DE LISBOA E PENSIONISTAS NO ESTRANGEIRO, INAUGURADA EM 23 DO CORRENTE

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

nossa literatura, e trazendo a lume a esse proposito factos ineditos nos fastos d'esta, consagra homenagem honrosissima á memoria de Santos Valente, talento tão cultivado como modesto, de quem, meu condiscipulo na Universidade, eu muito amiude me lembro, não só pelo que sabia e valia, mas ainda pelo contraste em que o ponho com muitos dos escrevedores d'hoje, tão ignorantes quão petulantes e vaidosos.

O quarto tem por denominação *Camonistas antigos e modernos* e como d'este enunciado bem se deduz, ahi é feita rapida referencia a todos os, mais ou menos, merecedores d'essa denominação, sendo posto á frente de todos, como de direito incontestado, o sr. dr. Carvalho Monteiro, por tantos titulos benemerito das letras. D'essa relação de camonistas se apura que a collecção feita pelo sr. Brito Aranha de edições de Camões e sobretudo de publicações a elle referentes é, por sem duvida, uma das mais curiosas e selectas. Incidentemente faz-se n'esse capitulo referencia ao projecto do «monumento para as cinzas de Luiz de Camões», elaborado pelo insigne esculptor, o sr. Antonio Alberto Nunes, e a proposito exalta-se este distinctissimo artista, auctor de tantas obras de valia, as principaes das quaes ahi mencionadas, ao posto que bem merece.

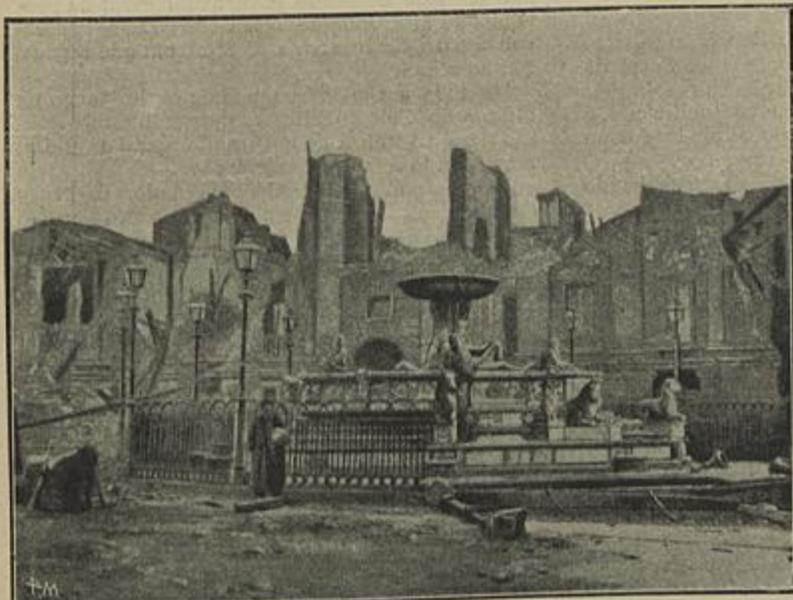
O quinto capitulo do volume é sagrado a Pinheiro Chagas, e principalmente ao atentado contra elle perpetrado alguns annos antes de sua morte, e que fortemente a influenciou.

MESSINA — Fonte monumental de Fra Giovanni-Angelo Montorsoli, erguida em 1551 na praça da Catedral

A Catedral de Messina

Fala-se ahi com muita afeição e devoção de Pinheiro Chagas, um dos vultos mais distinctos e sympathicos do nosso meio literario no ultimo quartel do seculo passado, e que deixando de si duradoura e aureolada nomeada, muito maior a legaria á posteridade, se os apertos da vida mais pausada e sazonadamente o deixassem trabalhar, e a morte o não houvesse colhido tão prematuramente.

O sexto capitulo inscreve-se *O actor Tasso*, e preito é comovido e com justiça architectado em recordação saudosa do que tão grandemente honrou a scena portuguesa, sendo um dos seus vultos mais proeminentes, ao lado de Rosa, pae, Emilia das Neves, Delphina, Manuela Rey, a inesquecivel, e de tantos outros que enobreceram o theatro portuguez e já todos são idos.

São cheios de interesse e para registar os incidentes e episodios que a proposito do theatro, e da imprensa periodica que tamanhos pontos de contacto com elle tem, n'esse capitulo relembra e chama á tela o sr. Brito Aranha.

O capitulo setimo do tomo, dedicado a Tito de Carvalho, tão estudioso e sabedor quão pouco confiante em seus merecimentos e d'elles apregoador, emparelha bem com os precedentes e d'elles não desmerece e antes os acrescenta.

O oitavo, um dos mais captivantes e eruditos do livro, e que por seu thema lhe tem careado merecidos emboras, é subordinado á inscripção *Um livro do rei artista*, e resolve, creio-o bem, nas pégadas dos entendidos, interessante caso e problema bibliographico concernente ao livro de

Estado de ruina em que ficaram os dois monumentos, depois do Terremoto — *(De fotografias)*

Horas existente na livraria particular da Casa Real, e que pertenceu a D. João III, em cujo reinado executado, sendo-o em parte, ao menos, pelo justamente celebrado Antonio de Hollanda, notabilissimo pintor e illuminador. Honra sobre maneira esse capitulo o sr. Brito Aranha, dando testemunho de seus muitos e bem amadurecidos conhecimentos bibliographicos e sagaz espirito e criterio de investigador; e sobre assim o demonstrar interessante se torna pelas circumstancias que acompanharam, e ahi são relatadas, o achado feito pelo distincto escriptor.

E' o nono capitulo referente a Urbano de Castro, cuja passagem pelo jornalismo lisbonense deixou um rasto luminoso. Pena é que ainda não houvesse, e para receiar é que jamais haja, mão piedosa que escolhesse e em volume reunisse seus mais selectos escriptos, dispersos em opusculos ou pelos jornaes.... Prestaria com isso serviço ás letras patrias, sobretudo no genero humoristico em que Urbano de Castro foi notabilissimo.

O decimo e ultimo capitulo d'este terceiro tomo das *Memorias de um jornalista* é consagrado a completar o que sobre o «França do Arsenal», Ricardo José Rodrigues França ficara escripto em seu primeiro tomo. Foi o «França do Arsenal» no seu tempo, anterior ao do sr. Brito Aranha, e que só pela sua ligação com outros individuos d'este nas *Memorias* figura, homem de valia no partido liberal, e que tomou parte em luctas e successos importantes em que este interveio.

A este derradeiro capitulo segue-se no volume a transcripção de apreciações feitas na imprensa ou por cartas particulares, sobre os dous primeiros tomos das *Memorias*. Todas ellas são honrosissimas para a obra e para seu auctor.

Fecha definitivamente o livro uma «Nota Final» em que, sobre explicações bem desnecessarias para quem conhece o caracter lidimo e sem refolhos nem jactancias do sr. Brito Aranha, comprehendidas cartas dos srs. Alberto Girard, o notabilissimo homem de sciencia, Ernesto da Silva e Jeronymo da Camara Manuel, justamente encomiasticas do trabalho que constitue o oitavo capitulo d'este tomo, a proposito de sua primeira publicação no *Diario de Noticias*.

Illustram-o os retratos de Antonio Maria Pereira, filho, Caetano Alberto, dr. Carvalho Monteiro, Pinheiro Chagas, Joaquim José Tasso, Tito de Carvalho, Urbano de Castro, França do Arsenal da Marinha, e o do proprio sr. Brito Aranha ahi trazido por suggestão, bem applaudivel, do sr. Visconde de Sanches de Frias. Tambem o exorna estampa reproduzindo o «projecto do monumento para as cinzas de Luiz de Camões», do sr. Alberto Nunes.

Fecho, e já não será sem tempo para alguem, que por milagre me leia, esta despretenciosa noticia sobre o ultimo trabalho do sr. Brito Aranha de que, assim, me aparto com saudades, formulando votos bem sinceros por que a elle se sigam outros de igual indole.

21 de novembro.

RODRIGO VELLOSO.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

SUMARIO

Desce o leitor comigo á rua de São Bento — Por onde seguia a antiga estrada — A rua da Colonia do Rato ou da Nova Colonia — Como esta nova arteria se povoou — As procissões e a limpeza das ruas — Aspecto campesino do largo — A rua da Flôr da Murta e a calçadinha do Rato — Primordios do mercado de S. Bento — Uma visita ao curioso bazar — As pescas milagrosas — Passarinheiros, adelos e roupavelheiros — O Pateo do Gil — Inquire-se quem era esta personagem — Noticias curiosas sobre a sua familia — A ermida de Santo Antonio — Uma companhia edificadora no seculo XVIII — O que resta da casa natalicia de Herculano — A casa do dr. Domingos Vandelli — O Palacio do Desembargador Gambôa e Liz e o quartel general de Saldanha — O celebrão D. Brás da Silveira — Esmiuça-se a historia do Seminario dos meninos órfãos — Quem era o fundador — Sua benéfica obra — A casa do Seminario e ermida — Descreve se o templo — Sua inauguração — A casa de Narciso Guido pae das *Manas Perliquitetes* — Fim desgraçado das suas irmãs — Fecha-se o capitulo mencionando a Farinha de S. Bento.

Descida a ingreme rampa da rua da Imprensa, que descae para o valle, achamo-nos na rua de São Bento. Antes, pois, de proseguirmos o caminho já encetado pela rua da Escola, façamos, o leitor e eu, uma breve digressão por este arruamento notavel sob muitos pontos de vista.

* * *

A extensissima rua que nos bons tempos dos «americanos» de muares parecia interminavel, seguia ajustadamente, aqui ha tresentos annos, a directriz da velha estrada do mesmo nome que ia ligar-se, para cima do actual largo do Rato, com a de Campolide seguindo depois de reunidas por S. João dos Bemcasados até ás Aguas Livres. Esta trajectoria porém, iniciava se sómente desde o tôpo do mercado, passada a esquina da rua nova da Piedade.

D'ahi para baixo a estrada afastava-se sensivelmente da continuação da moderna rua, torneando o largo do mercado e abraçando pela esquerda a cêrca do mosteiro beneditino vindo sair á calçada da Estrella por detraz do actual palacio das Côrtes. N'uma vista inglêsa do seculo XVIII, que existe na esplendida coleção do sr. Visconde de Castilho, e que é das mais fieis e seguras, lá aparece nitidamente desenhado o traçado inicial da estrada.

Do mercado para baixo, eram terrenos inclusos na cerca monacal e passados elles anichava-se o populoso bairro da Esperança e a rua da Flôr da Murta que hoje faz parte integrante da nova rua de S. Bento.

Os sucessivos aforamentos feitos pelos frades foram, a pouco e pouco, alterando a configuração e traçado dos arruamentos cuja evolução mal se pode hoje precisar.

Depois de 1755, os terrenos marginaes daquella via de communicação que eram povoados de olivaes e aproveitados para semeadura foram-se salpicando de casas que a breve espaço se ajuntaram e alinharam firmando, dia a dia, mais essa victoria da cidade sobre arrabalde.

O tão citado coronel Francisco Coelho de Figueiredo, nas notas ao teatro de seu irmão, diz-nos *que pelo terremoto foi, e as suas visinhanças, o refrigerio para onde foram a maior parte dos arruamentos e lojas de todo o comercio* (1).

Na sua linguagem por vezes arrevezada mas sempre preciosa como repositorio de informações interessantissimas refere-nos ainda, com respeito a S. Bento, que se contava então por *temeridade e grande robustez* o homem que do Rocio ia a pé ao Rato ou a esta rua, onde se chamava a *nova colonia* (2).

Este nome de *nova colonia* ou de *colonia do Rato* que de ambas as maneiras se menciona em documentos coévos, dá-nos a medida exata da afluencia de moradores ao local, ha pouco ainda alpestre e deshabitado, depois do terremoto de 1.º de novembro.

O livro quinto dos avisos do Ministerio do Reino, que se referem ao anno de 1756, a paginas 192, insere copia de uma ordem mandando limpar a rua da *Colonia do Rato* por onde havia de passar a procissão do terço de Jesus. Mais adiante, a paginas 201 verso, ordena nova limpeza ás ruas nova de Jesus, dos Peaes, (sic), da *nova colonia* e dos Cardaes, para a passagem da procissão de Penitencia que ia da igreja de Nossa Senhora da Piedade das Chagas para a Patriarcál.

Como se vê por estes dois avisos, a higiene da capital dependia, em grande parte, da passagem das procissões que, felizmente, não eram muito raras.

* * *

Algumas dezenas de annos depois, o aspecto do sitio tinha variado sensivelmente. Parte da cêrca rasgara se para continuação da rua da Flôr da Murta, que se veiu a ligar e confundir com a da *nova colonia*, e o comercio afluindo dava a esta arteria uma animação crescente.

Antes de 1790, já ahi se tinham estabelecido quatro livreiros (Mr. Bernadet, Francisco José Alvares, João Dias e Manuel de Mattos) afora outro que se alojara na portaria do mosteiro, em 1785. Lojas de mercadores, de calçado, de quinquilheiros e de capelistas abriam-se todos os mezes á medida que os lisboetas se iam adaptando ao novo bairro e a encosta da Estrella se povoava de casaria.

A *nova colonia* progredia a olhos vistos e prometia talvez um futuro mais prospero do que naturalmente teve. Ha muitos annos que se conserva quasi estacionaria depois de ter perdido, não sei porque motivo, grande parte da primitiva animação.

* * *

A moderna rua formou se da junção de tres arterias que se enfileiravam da Esperança ao Rato: a rua da Flôr da Murta que ia até ao arco; a de S. Beto, propriamente dita, até ao cruzamento da rua do arco de S. Mamede; e a calçadinha do Rato, que ia desde este ponto até encostar com a actual rua do Sol.

Não querendo passar além do circuito em que cingi o campo destas investigações, vou simplesmente tratar da parte do arruamento para cá do arco de São Bento, deixando para outra ocasião o estudo da rua da Flôr da Murta em que só o palacio que lhe deu o nome oferece margem a capitulo especial.

(Continúa) G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Tomo XIV do *Teatro de Manuel de Figueiredo*.

(2) Foi o conde de Lippe quem acabou com a costumeira dos soldados dos Regimentos de Lisboa (Valle do Pereiro e Campo de Ourique) irem embarcar a Santos quando iam para a guarda do Paço.

NECROLOGIA

General Francisco Maria da Cunha

Com pouco mais de setenta e cinco annos de idade, faleceu em 13 do corrente, um dos mais ilustres oficiaes generaes do exercito português, general Francisco Maria da Cunha, depois de ter prestado ao país seus bons serviços no desempenho de elevados cargos publicos, como é bem notorio e se menciona nas seguintes notas biograficas:

Nasceu a 22 de dezembro de 1832, em Angra do Heroismo, naquelle berço da liberdade, acaso embalado ao troar dos canhões, na guerra fratricida que ao tempo ali se feria, entre absolutistas e liberaes, que viriam sentar no trono de Portugal a filha do rei soldado, ao deixar no Brazil a corôa imperial.

Filho do general de divisão Francisco Jacques da Cunha e de D. Maria Candida da Cunha; neto paterno de Francisco José da Cunha e D. Luiza Teodora da Cunha; materno de Bernardo Andronico da Franca e Horta e de D. Delfina Candida da Franca e Horta, fez seus primeiros estudos no Colegio Militar, onde os concluiu em 24 de julho de 1848, e no mesmo dia sentou praça em infantaria 10.

Frequentou depois a Escola Politecnica e a do Exercito, com destino á arma de artilharia.

Em 1860, já no posto de capitão, serviu nos regimentos de artilharia n.º 1 e 2 e foi ajudante de campo do ministro da guerra Fontes Pereira de Mello e passou a sub chefe da 4.ª repartição do ministerio da guerra.

Em 1867, foi promovido a major, sem prejuizo de antiguidade, por ter sido nomeado comandante do batalhão de Macau, acumulando este comando com o cargo de diretor das obras publicas daquella provincia. Serviu depois, no mesmo posto, no regimento de artilharia n.º 3, e em 1875 passou a chefe da 2.ª repartição da Direção Geral de Artilharia, e chefe da 3.ª repartição da secretaria da Guerra em 1876.

Promovido a tenente-coronel em 15 de novembro de 1877 e a coronel em 6 de junho de 1878, por ter sido nomeado governador geral da provincia de Moçambique, nesta comissão se conservou até 16 de fevereiro de 1880, em que regressou ao reino.

De 1883 a 1891 desempenhou o alto cargo de diretor do Colegio Militar, deixando esta comissão para assumir a de governador geral da India, regressando á metropole em 1892.

Nesse anno é nomeado governador da praça de Monsanto, e passa em 9 de fevereiro de 1893 a comandante geral de artilharia, tendo já o posto de general de brigada desde 5 de fevereiro de 1890.

Promovido a general de divisão em 10 de janeiro de 1895 é nomeado em seguida comandante da Escola do Exercito.

No anno seguinte é investido no comando da 1.ª divisão militar, logar que deixou pelo de ministro da guerra, para que foi nomeado por decreto de 7 de fevereiro de 1897, e exonerado a seu pedido em agosto de 1898, voltando ao comando da Escola do Exercito.

Era já ajudante de campo honorario de El-Rei, quando em 1902 foi nomeado primeiro ajudante de campo e chefe da Casa Militar.

Nesse anno é tambem nomeado presidente do conselho superior de disciplina do Ultramar.

No meio destas importantes comissões, desem-

penha a alta missão de representar El-Rei de Portugal nos actos solemnes da commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, seguindo para o Rio de Janeiro no cruzador *D. Carlos*.

A carta regia de 25 de maio de 1900 que lhe confiou esta missão, nomeou-o tambem enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto do Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, mas o precario estado de saude do ilustre diplomata, obrigou-o a retirar-se ao reino em setembro daquelle anno.

Regressado a Lisboa, é logo incumbido de acôrdo com o comissario espanhol, de executar os trabalhos definitivos de demarcação da fronteira, vindo depois, em missão especial, a assinar a acta geral da dita demarcação, em 1 de dezembro de 1906.

Em 1 de abril de 1907 por comunicação do ministerio dos estrangeiros é nomeado presidente da comissão de limites entre Portugal e Espanha.

Presidente da comissão encarregada de estudar e propor a modificação que conviesse fazer na vigente organisação militar do Ultramar, a qual foi dissolvida em 7 de fevereiro de 1907, sendo o general louvado pelo zelo e proficiencia que demonstrou no desempenho da mesma.

Muitas mais são ainda as comissões oficiaes em que tomou parte e de que sempre se desempenhou com louvores, e cuja inumeração alongaria demasiadamente estas notas biograficas. O que fica mencionado é mais que suficiente para avaliar os serviços que o ilustre extinto prestou ao seu país, como poucos o terão feito tão assidua e honrosamente.

O Colegio Militar, onde iniciou seus estudos, deve muito á memoria do que foi seu diretor e lá o disse, o sr. Moraes Sarmento, no discurso inaugural dos trabalhos escolares de 1898, em presença de El-Rei: «Nas obras e reformas já comprehendidas ha justo motivo para que este Colegio considere notavelmente aumentada a divida de gratidão em que já estava para com o venerando general de divisão, o sr. conselheiro Francisco Maria da Cunha...»

E' extremamente honrosa para a memoria do ilustre general a carta que El-Rei D. Carlos lhe escreveu quando, pelo limite de idade, elle deixou o alto cargo de chefe da Casa Militar. Essa carta de que obsequiosamente nos foi cedida uma copia, resa assim:

«29-12-907 — Meu querido Cunha: — Soube hontem pelo Porto que infelizmente eras atingido pela reforma e que portanto tinhas de deixar de ser chefe da minha Casa Militar. Não quero que o decreto da tua exoneração seja publicado sem eu vir aqui agradecer-te de todo o coração, a lealdade, a firmeza e a dedicação infinitas com que tu sempre te houveste no desempenho do teu cargo. — Agradecendo-te ainda uma vez, crê-me sempre teu amigo verdadeiro e camarada. (a) *Carlos I, Rei.*»

O general Francisco Maria da Cunha, filiado no partido progressista, foi deputado eleito por Elvas em 1862, pelos Olivaes em 1865, por Macau e Timor em 1869 e só por Macau em 1871 e 1872.

Nomeado par do reino em 1881, é elevado á presidencia desta Camara em 1899. Ultimamente era presidente da comissão de guerra da mesma Camara.

Era socio de grande numero de sociedades scientificas e outras do país e do estrangeiro, ocupando a presidencia de algumas, como a da Sociedade de Geografia de Lisboa, a da Cruz Vermelha, etc., honrando-se todas muito em o contar como socio.

Gran-cruz e comendador das principaes ordens militares portuguêsas e estrangeiras e condecorado com as medalhas de comportamento exemplar e bons serviços e a de ouro por serviços distintos no Ultramar, etc.

A vida do ilustre general foi das mais prestantes á causa publica, e tambem por isso a sua morte muito sentida, concorrendo ao funeral tudo que de mais distinto e elevado se encontra em nossa sociedade, e em que se fez representar El-Rei, Rainhas e o sr. Infante D. Affonso.

Receba a ilustre familia do extinto a expressão de nosso pezar.

Jayme Arthur da Costa Pinto

Foi no dia 10 do corrente que morreu este homem bom, como se diria na edade media, e não sei como a penna me não cae dos dedos ao escrever da morte de Costa Pinto, que ainda não ha muito vira cheio de vida, com a sua natural bohemia, acariciando as creanças confiadas á sua guarda, naquelle instituto de educação e ensino que se chama a Real Casa Pia de Lisboa, quando ali estivemos de visita em junho do anno passado.

Depois não nos tornámos a avistar, por que elle foi para Canterets, onde costumava ir todos os annos, e quando ultimamente soubemos que se encontrava na sua casa de Lisboa, gravemente doente de uma lesão cardiaca, e ali fomos para o vêr, já não recebia ninguem, prohibido por seu medico.

Mau indicio era este, e tão mau que teve por desenlace a morte.

Pobre amigo!

Homem bom, dissémos, e quem o não sabe em todo o país e muito principalmante em Lisboa, nesta grande aldeia em que todos se conhecem, como nas pequenas, e em que todas as reputações raro passam a limpo pela bôca dos seus habitantes, em ralhos de comadres e á boquinha pequena, de risinhos sardonicos, salpicando de baba para um lado e para o outro, por inveja ou por habito maldicente.

General Conselheiro Francisco Maria da Cunha

Pois bem; a Costa Pinto não havia maldicencia que chegasse. Sua estatura acima do vulgar, media-se pela grandesa do seu coração.

A independencia que desfrutava só era egualada pelos dotes de sua alma, e a resultante deste conjunto era aquella bondade natural, aquelle bem querer, que vencia obstaculos, que multiplicava forças, e que não cançava, para ser util e prestadio ao seu similhante, desinteressadamente, só para remediar uma injustiça, onde a houvesse, para acudir a uma desgraça, onde ella ocorresse, para auxiliar um empreendimento bom, e, sobre tudo, — homem do seu tempo — entusiasta por todos os progressos e innovações que pudessem engrandecer ou beneficiar o seu país, que elle amava como um verdadeiro patriota.

Patriota e humanitario devemos dizer, porque ao elevar-se na gerarquia social por seus merecimentos, a deputado da nação, poucos terão zelado melhor os interesses e direitos de seus eleitores, e compreendido os deveres civicos que a patria impõe a seus filhos para cooperarem no bem da comunidade.

Nunca Costa Pinto se deixou arrastar exclusivamente pelos interesses partidarios da politica de oficio. Sendo eleito deputado em diferentes legislaturas, por Almada, Mafra, Setubal e Lisboa, manteve sempre certa independencia, prevalecendo sobretudo o seu espirito patriotico, e seus sentimentos humanitarios. Não estará esquecido o que elle fez, como deputado pelo circulo de Almada, para beneficiar aquelle concelho, e, sobre todos os melhoramentos materiaes que lhe promoveu, avulta o seu rasgo humanitario, quando, em 1886 um violento incendio devorou as pubres choupanas dos pescadores da costa de Caparica, elle empenhou toda a sua influencia politica e todas as dedicações de seu grande coração, para reconstruir as habitações daquelles desgraçados. Para tal fim organisou uma comissão presidida por El-Rei D. Luis e com a cooperação de alguns homens importantes do capital, sendo elle o primeiro a concorrer com a sua quota, interessando a imprensa de Lisboa na sua obra humanitaria, e por intermedio do *Correio da Europa*, de que era proprietario e diretor Pedro Correia, alcançou tambem donativos do Brasil.

Em poucos mezes, Costa Pinto, com a sua inteligente atividade e zelo, conseguiu construir alguns quarteirões de casas com que formou um bairro regular, em que mais de cem familias, que haviam perdido as suas choupanas, encontraram habitação comoda, e asseada, como não tinham.

Era vêr então Costa Pinto satisfeito com a sua obra, em que outro interesse mais não teve que satisfazer os impulsos de seu coração bom e generoso, simplesmente isto e mais nada!

Admira este desprendimento num politico, não é assim?

Pois teve-o Costa Pinto e é facil provar a afirmativa. A' distribuição das casas não presidiram ideias eleiçoeiras de angariar votos. A distribuição fez-se segundo as indicações dos arraes, dos mestres e chefes de companhas de pescadores, que forneceram uma lista com os nomes dos mais pobres, e esses pobres nem sequer tinham voto.

Não o tinham de certo porque Costa Pinto não tornou a ser eleito por Almada, e os pescadores queriam-lhe como a um pae adorado.

Era sempre assim Costa Pinto, e por isso elle alcançou todos os fóros da consideração e respeito publicos, sabendo-se antecipadamente que onde entrasse Costa Pinto, sahiria a limpo, sem rodeios nem alçapões.

A sua influencia em Cascaes como presidente da camara foi notavel para aquelle concelho.

Todos sabem isto porque é do nosso tempo e todos assistiram á transformação da velha villa a respeito da qual nossos maiores diziam: «A Cascaes uma vez e nunca mais.»

Agora póde dizer-se: «A Cascaes uma vez e muitas mais.» Este milagre deve-se á natural inteligencia, atividade e dedicação de Costa Pinto, que fica proverbial como titulo de maior honra para a sua memoria.

Ha uns seis annos, Costa Pinto tomou conta da provedoria da Real Casa Pia de Lisboa, e este cargo, que para muitos seria de dificil desempenho, foi para elle motivo para afirmar de modo ainda mais frisante as suas qualidades de administrador intelegente dando grande impulso de progresso áquelle instituto de educação e ensino ministrado a perto de mil creanças.

Não cabe nos limites desta necrologia enumerar todos os melhoramentos que Costa Pinto realisou na Real Casa Pia de Lisboa. A paginas 138 do 30.º volume do Occidente, de 1908, escrevi alguma coisa a este respeito, sob o titulo *Uma visita á Real Casa Pia de Lisboa*, sendo escusado repetir aqui aos leitores o que ficou dito nesse artigo.

Por fim são bem conhecidos os serviços desinteressadamente prestados por Costa Pinto, por esse homem singularmente bom e que no bem fazer gastou a vida, abreviou até a existencia, elle que era tão forte de corpo, como de espirito.

Chefe de familia exemplar, teve para ella as maiores dedicações, e ainda nos ultimos annos, tendo seu filho a estudar em Coimbra, para ali mudou sua residencia para de perto o acompanhar durante o curso de direito em que se formou ao fim de cinco annos.

E' claro que durante esse tempo Costa Pinto

vinha amiudadas vezes a Lisboa onde não descurava seus encargos, especialmente os da Casa Pia que lhes mereciam seus maiores disvelos.

Estes trabalhos mais do que a edade seguramente o cansaram. Jayme Arthur da Costa Pinto contava 63 annos, pois nascera em Lisboa a 27 de setembro de 1845.

Dotado de natural inteligencia, soube distinguir-se na sociedade portuguêsa e militando na politica com desinteresse e independencia mais se afeiçoou ao partido regenerador. Foi deputado e fez muitas vezes ouvir a sua voz no parlamento, andando impresso um discurso seu notavel, sobre os melhoramentos do porto de Lisboa. Esteve indigitado para par do reino, o que não chegou a realisar-se por mudança de situação politica. Se o fosse, era-o com toda a justiça.

Muito dedicado á familia real, foi encarregado de dirigir parte das festas publicas que se realisaram por occasião das visitas dos chefes das nações estrangeiras a Lisboa.

Tambem nisto deu provas da sua competencia, no gosto, zelo e limpesa côm que se desempenhou.

Foi vice presidente de secção de excursões cientificas da Sociedede de Geografia de Lisboa, secretario da Companhia Real Promotora da Agricultura Portuguêsa, socio fundador e membro dos corpos gerentes da Associação Protetôra das Creanças, etc., etc.

Repartiu a sua atividade e benemerencia por muitos cargos em que só tinha trabalho, e num, em que tambem mais se distinguiu, foi o de provedor do Asilo da Ajuda, que muito fica devendo á sua memoria.

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

Tinha varias distinções honorificas como a de moço fidalgo da casa real e algumas condecorações estrangeiras, mas superior a estas honras oficiaes, tinha a estima geral dos seus concidadãos, que seria a mais grata para o seu grande coração.

A sua virtuosa viuva e a seu filho sr. dr. Frederico da Costa Pinto reteiramos nossos sentidos pesames.

C. A.

PUBLICAÇÕES

Calendarios Illustrados — Todos os annos por este tempo recebemos grande quantidade de calendarios illustrados, distribuidos por diversas empresas e estabelecimentos a seus clientes, como brindes de bom gosto e utilidade.

Na impossibilidade de a cada um dedicarmos noticia especial, mencionaremos os que mais se distinguem por sua belesa e novidade e são: Fabrica de Bolachas da Pampulha; A Nacional, companhia de seguros de vida; Farmacia Franco; Empresa das Aguas de Moura; A. V. H. Mascaró; Manuel Tavares & C.ª (Irmão); Livraria Ferreira, Limitada; E. da Cunha e Sá; R. J. Firmo & C.ª, Industria Nacional Mecanica de cartonagens e caixas, etc.